

Apresentação

É com satisfação que publicamos mais uma edição da Brazilian Journal of International Relations (BJIR)! Este 2º número do 8º volume apresenta artigos sobre temas diversos das Relações Internacionais, tais como o *hukou* chinês, sequestro de meninas nigerianas na Floresta de Sambisa, uma análise geral da política externa chinesa contemporânea, a procura de um orientalismo em Marx, as contribuições da psicologia cognitiva no estudo das Relações Internacionais, o BASIC e o regime de mudanças climáticas, o Banco do BRICS, e os valores da paz liberal em sociedades pós-conflitos.

No primeiro artigo da edição, “*China: movilidad, control y encauzamiento interno de su fuerza de trabajo*”, Ada Celsa Cabrera García e Arturo Noel Noyola Muñoz procuram mostrar que o Sistema de Registro de Família da China (*hukou*) é uma intervenção fundamental para o controle e a canalização da mobilidade da força de trabalho do país. Para tanto, os autores analisam o *hukou* chinês desde sua implementação, por Mao Zedong, até sua expansão, feita por Xi Jinping, passando pelas reformas de Deng Xiaoping, e chegam à conclusão de que nesse processo parte significativa da população sofreu perda de benefícios.

Já em “*Gender based terrorism and armed conflicts in Nigeria: the Chibok Girls’ Abduction and the changing narratives in Sambisa Forest*”, Mike Omilusi traz uma outra face do sequestro realizado pelo Boko Haram em 2014 de 276 meninas em uma escola do vilarejo de Chibok, no norte da Nigéria, ao analisar o movimento global #Bring Back Our Girls. Deste modo, Omilusi tenta mostrar as dimensões locais e internacionais do movimento, os contextos socioculturais e políticos do momento em questão, o pós-trauma das meninas resgatadas e o destino das que ainda estão em cativeiro.

No terceiro artigo, “*Uma visão geral da política externa chinesa contemporânea: estratégias, atores e instrumentos*”, Renan Holanda Montenegro avalia a política externa da China contemporânea por meio de três dimensões – as estratégias, os atores e os instrumentos. Montenegro justifica sua escolha devido à lacuna de textos introdutórios em língua portuguesa sobre essa temática.

Em “*Seria Marx orientalista?*”, Gabriel Siracusa busca verificar se a hipótese de Edward Said acerca de Marx como um orientalista é correta. Para tanto, o autor retoma textos de Marx sobre a China e a Índia a partir da década de 1850, comparando as análises elaboradas por Marx entre os dois países.

Por seu turno, Bruno Maciel Santos, em “*Poder, incerteza e heurísticas: contribuições da psicologia cognitiva para o estudo da tomada de decisões nas Relações Internacionais*”, procura agregar a psicologia cognitiva à definição de poder e em como lidar com a incerteza nas Relações Internacionais. Dessa maneira, Santos procede a uma revisão dos paradigmas da área com enfoque no poder e na incerteza, apresentando as implicações teóricas dessas visões.

O sexto artigo da edição, “*De Copenhaga a Paris: a evolução do BASIC no complexo de regime de mudanças climáticas*”, Mariana Balau Silveira acredita que os países do BASIC passaram por uma transição de estratégia *top-down* na COP de Copenhaga para uma abordagem *bottom-up* na COP de Paris. Para mostrar sua percepção, a autora realiza uma análise comparativa longitudinal das COPs.

Em “*O Banco e o Arranjo de Reserva dos BRICS em perspectiva*”, Jackson Silva Ribeiro e Gilberto Maringoni analisam os documentos de criação do Novo Banco de Desenvolvimento e do Arranjo Contingencial de Reservas pelos países do BRICS em 2014. Todavia, apesar das potencialidades desses acordos, os mecanismos incorporaram muitos princípios do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, configurando-se em uma iniciativa tímida ainda.

Por fim, em “*The liberal peace and its contesting universal values: a theoretical approach to the development of hybrid forms of political order in post conflict societies*”, Mariana Morena Pereira objetiva apresentar uma nova abordagem para entender os projetos de *peacebuilding*. Para a autora é fundamental compreender que contextos diferentes precisam de abordagens distintas, pois, algumas vezes, valores considerados “universais” pela Paz Liberal não têm significados profundos em sociedades pós-coloniais que viveram conflitos em seus territórios.

Nessa perspectiva, esperamos que a leitura do volume 8, número 2 da BJIR, seja útil aos leitores de um modo geral, especificamente aqueles profissionais atuantes na área de Relações Internacionais e Políticas Públicas.

Boa leitura a todos!

Marcelo Fernandes de Oliveira – Editor-Chefe

Camilla Silva Geraldello – Coeditora